

Dois poemas de Langston Hughes

Débora Landsberg^{1*}

Resumo: O presente artigo apresenta a tradução para o português de dois poemas, “Dreams” e “Harlem [Dream Deferred]”, do escritor americano Langston Hughes (1902-1967). Em seguida, as traduções da autora foram analisadas segundo a metodologia proposta por Paulo Henriques Britto: examinar os componentes formais e semânticos do original segundo a contribuição que cada um deles dá ao efeito total do poema a fim de analisar objetivamente se foram reproduzidos com êxito na tradução.

Palavras chave: Langston Hughes; poesia; tradução comentada; português.

Sobre Langston Hughes

Os poetas do movimento afro-americano Harlem Renaissance, ocorrido na década de 1920 em Nova York, pouco foram traduzidos no Brasil. O grande líder do movimento, Langston Hughes (1902-1967), segundo a pesquisa empreendida por Lauro Maia Amorim (2014), nunca teve uma coletânea dedicada à sua obra poética lançada no nosso país. Após um levantamento, descobrimos que, em 2005, uma coletânea de traduções de Sylvio Back foi lançada pela Fundação Memorial da América Latina, porém a obra teve baixa circulação e incluía poucos poemas. Parte da poesia de Hughes também já apareceu em antologias de língua inglesa, jornais e periódicos. Diversos poemas foram traduzidos e retraduzidos, mas grande parte da vasta obra de Hughes permanece inédita no Brasil. A exceção foi a autobiografia do autor, *Imenso mar*, publicada em 1994 pela editora carioca

1 * Agradeço ao meu orientador, Paulo Henriques Britto, pelas correções e sugestões, além do incentivo para que eu traduzisse os poemas do presente artigo. Agradeço também ao CNPq pela bolsa concedida durante o meu período de mestrado.

Vitória, com tradução de Francisco Burkinski. Amorim (2014) pondera que “a percepção de uma cultura negra no Brasil [...] sempre foi assimilada à noção de uma cultura caracterizada pela mestiçagem e pela chamada ‘brasilidade’ que tende a se sobrepor à afirmação de origens étnicas específicas” (AMORIM, 2014, p. 155). A curiosidade por um movimento de negros norte-americanos da década de 1920, seria, portanto, bastante diminuta para o público brasileiro. Esse fator, somado à problemática do número de compradores de livros de poesia, explica a falta de interesse do mercado editorial em lançar livros dedicados ao poeta, ou sequer ao grupo da Harlem Renaissance.

Buscando contribuir para a divulgação da obra de Langston Hughes no Brasil, propomos aqui a tradução de dois de seus poemas. Por ser um tema recorrente do autor, optamos por dois textos sobre sonhos. Em seguida, as traduções serão analisadas segundo os parâmetros estabelecidos por Britto (2002) para a avaliação objetiva do grau de correspondência entre original e tradução.

A metodologia de análise

Se o poeta Robert Frost estava certo ao afirmar que “poesia é o que se perde na tradução”, como se explica o fato de que traduzimos poesia, com graus diversos de êxito, há séculos? A ideia de que um poema é plenamente traduzível, em todos os seus aspectos, é, pelo menos em tese, absurda. No entanto, podemos adotar a posição de Britto, que afirma que um poema B é a tradução de um poema A quando

leitores que conhecem as características definidoras de um poema tanto em α quanto em β consideram que há entre A e B uma certa relação de analogia – ou seja, que há uma correspondência mais ou menos próxima entre ao menos algumas características importantes de A e de B – *tal que, se uma pessoa que conheça o idioma β mas desconheça o idioma α leia B, pode-se dizer que ela leu A.* (BRITTO, 2006, p. 1)

Para obtermos tal efeito, precisamos estabelecer prioridades ao traduzir um poema. No caso de um poema em verso livre, por exemplo, temos mais liberdade para alterar o número de sílabas de um verso do que ao traduzir um soneto em pentâmetro iâmbico. Contudo, a estrutura formal do original não pode ser ignorada, e o tradutor deve tentar não se afastar tanto dela a ponto de o poema B não ser reconhecido como tradução do poema A. Segundo Britto,

o que é preciso reconstruir na tradução poética é uma totalidade textual integrada por sons, significados, imagens e até mesmo a disposição visual de símbolos gráficos sobre o papel. Portanto, a tradução de um poema é uma operação bem mais complexa do que a redistribuição de sentidos diversos por significantes diversos; os fatores que devem ser levados em conta são de toda ordem: formal, semântica, lexical, morfológica, fonética, prosódica, gráfica. (BRITTO, 2006, p. 3)

A fim de considerar a relevância de cada aspecto do original relacionado acima, precisamos analisar cada poema como um caso único e examinar seus componentes formais e semânticos “em termos da contribuição que cada um deles dá ao efeito total do poema” (BRITTO, 2006, p. 3). Utilizando esse critério, veremos a seguir se as traduções dos dois poemas de Langston Hughes aqui propostas podem ser consideradas correspondentes a seus originais.

A tradução de “Dreams”

O poema original de Langston Hughes é construído em versos livres, embora haja certa regularidade devido à alternância de versos com três e duas sílabas tônicas. As rimas ocorrem apenas entre o segundo e o quarto versos de ambas as estrofes. Os aspectos mais importantes do poema, no entanto, são as anáforas e aliterações, presentes em toda a obra do poeta. Vejamos o poema original:

Dreams

Hold fast to dreams
For if dreams die
Life is a broken-winged bird
That cannot fly.

Hold fast to dreams
For when dreams go
Life is a barren field
Frozen with snow.

Numa tradução literal, teríamos algo como:

Sonhos

Segure bem os sonhos
Pois se os sonhos morrem

A vida é um pássaro de asa quebrada
Que não pode voar.

Segure bem os sonhos
Pois quando os sonhos se vão
A vida é um campo estéril
Congelado pela neve.

Tentando manter o esquema de rimas, acentuação, aliteração e o aspecto semântico do original, chegamos à seguinte tradução:

Sonhos

Agarre-se aos sonhos
Pois se os sonhos morrem
A vida é pássaro de asa quebrada
Sem revoada.

Agarre-se aos sonhos
Pois quando os sonhos escapam
A vida é terra aniquilada
Pela neve congelada.

Por se tratar de um poema em versos livres, julgamos a reprodução da métrica original menos relevante do que a equivalência de sílabas tônicas em cada verso. Já que os versos do original são curtos, também tentamos reproduzir essa brevidade na tradução. Como veremos, nem sempre a tentativa foi bem-sucedida, principalmente devido à concisão dos vocábulos de língua inglesa – em especial, os escolhidos por Hughes, todos de origem germânica – e a extensão das palavras na língua portuguesa. A tabela abaixo demonstra que a regularidade silábica do original não foi reproduzida, e, portanto, podemos considerar baixo o nível de equivalência acentual entre original e tradução:

/ / - /	- / - - / -	//-/ (3)	-/--/ (2)
Hold fast to dreams	Agarre-se aos sonhos		
- - / /	- - / - / -	--// (2)	--/-/ (2)
For if dreams die	Pois se os sonhos morrem		
/ - - / - \ /	- / - / - - - / - - / -	/--/--/ (3)	-/-/--/--/ (4)
Life is a broken-winged bird	A vida é pássaro de asa quebrada		
- - / /	/ - - / -	--// (2)	/--/ (2)
That cannot fly.	Sem revoada.		
/ / - /	- / - - / -	//-/ (3)	-/--/ (2)
Hold fast to dreams	Agarre-se aos sonhos		
- - / /	- / - / - - / -	--// (2)	-/-/--/ (3)
For when dreams go	Pois quando os sonhos escapam		
/ - - / - /	- / - / - \ - / -	/--/-/ (3)	-/-/\-/ (4)
Life is a barren field	A vida é terra aniquilada		
/ - - /	- - / - \ - / -	/--/ (2)	--/\-/ (3)
Frozen with snow.	Pela neve congelada.		

O esquema de rimas do original é *xaxa xbx*. Na tradução, intercalamos dois versos sem rima e dois versos rimados em cada estrofe: *xxaa xxbb*. Ou seja, embora tenhamos reproduzido a quantidade de rimas, não foi possível mantê-las na mesma posição que as do original.

No que tange a aliterações, a quantidade é equivalente em inglês e em português. O grau de correspondência nesse aspecto é alto, já que no original temos cinco fonemas que se repetem ao longo do poema e na tradução temos seis:

Hold fast to dreams	Agarre-se aos sonhos	/f/ /d/	/s/ /r/
For if dreams die	Pois se os sonhos morrem	/d/ /f/	/s/ /r/
Life is a broken-winged bird	A vida é pássaro de asa quebrada	/d/ /f/ /b/ /n/	/s/ /v/ /d/
That cannot fly	Sem revoada.	/f/ /n/	/s/ /v/ /r/ /d/
Hold fast to dreams	Agarre-se aos sonhos	/d/ /f/	/s/ /r/
For when dreams go	Pois quando os sonhos escapam	/d/ /f/ /n/	/s/
Life is a barren field	A vida é terra aniquilada	/d/ /f/ /b/ /n/	/v/ /n/ /r/ /l/
Frozen with snow	Pela neve congelada.	/f/ /n/	/v/ /n/ /l/

O registro informal do original foi mantido na tradução, porém foi necessária uma inversão sintática nos dois últimos versos do poema a fim de transmitir a ideia de que a terra se tornou estéril por ter sido congelada pela neve. No campo semântico, a ideia de que as duas situações expostas no poema são reversíveis também foi preservada.

As anáforas, como veremos também no segundo poema, são recorrentes na obra de Hughes, e por isso as julgamos um dos aspectos mais relevantes do original. A repetição de “hold fast to dreams” no primeiro verso das estrofes, “for” no segundo e “life is” no terceiro é extremamente significativa para o efeito do poema. Conseguir reproduzi-las era, portanto, imprescindível para que a tradução pudesse ser considerada correspondente ao poema original. Podemos considerar a tradução bem-sucedida nesse quesito, já que temos a repetição de “agarre-se aos sonhos” no primeiro verso, “pois” no segundo e “a vida é” no terceiro verso de ambas as estrofes. Nesse caso, não houve perda. “That cannot fly” foi traduzido como “sem revoada” para que rimasse com o verso anterior. Como o conceito geral de que pássaro de asa quebrada não consegue voar foi adaptada, a alteração não foi considerada excessiva.

Em suma, apesar das perdas formais, em especial no que diz respeito ao tamanho dos versos, a regularidade acentual do original e o esquema de rimas, as perdas do ponto de vista semântico foram mínimas. Os principais elementos causadores do efeito poético não se perderam na tradução e por isso podemos afirmar que o poema “Sonhos” é uma tradução do poema “Dreams”.

A tradução de “Harlem [Dream Deferred]”

Neste poema, Hughes se utiliza de diversas comparações para questionar o que acontece a um sonho protelado. O poema também é em versos livres:

Harlem [Dream Deferred]

What happens to a dream deferred?

Does it dry up
like a raisin in the sun?
Or fester like a sore—
And then run?
Does it stink like rotten meat?
Or crust and sugar over—
Like a syrupy sweet?

Maybe it just sags
like a heavy load.

Or does it explode?

A tradução literal do poema seria:

Harlem [Sonho protelado]

O que acontece com um sonho protelado?

Ele seca
como uma uva-passa ao sol?
Ou infecciona como uma ferida —
E depois escorre?
Ele fede como carne podre?
Ou forma crosta e adoça —
como um doce melado?

Talvez apenas ceda
Como um fardo pesado.

Ou será que ele explode?

Tentando manter o esquema de rimas, sílabas e acentuação, as aliteraões, anáforas e a imagética do poema, chegamos à seguinte tradução:

Harlem [Sonho protelado]

O que acontece com um sonho protelado?

Feito uva ao sol
fica seco e enrugado?
Ou escorrido o pus —
fica que nem ferida, infeccionado?
Feito carne podre ele fede?
Ou açucara e forma crosta —
feito um doce melado?

Vai ver é como um fardo
que levantar ninguém pode.

Ou será que ele explode?

Foram necessárias inversões sintáticas para que a semântica do poema fosse reproduzida na tradução. A métrica dos versos não foi mantida, mas os casos de maior destaque são os do quinto verso, cujo original tem apenas três sílabas e a tradução ficou com onze, e o sétimo verso, com suas seis sílabas traduzidas em sete sílabas. A quantidade extra de sílabas nesses versos acarretou também aumento do número de sílabas tônicas no poema traduzido. O acréscimo de sílabas do primeiro verso não foi ser considerado tão grave quanto os demais porque o verso em inglês é longo.

- / - - / - / -	- \ - / - - / - - / -	-/--/-/-	- \ -/--/--- / (11)
What happens to a dream deferred?	O que acontece com um sonho protelado?	(8)	
/ - \ /	/ - / - /	/- \ /	/-/-/
Does it dry up	Feito uva ao sol	(4)	(5)
- - / - - - /	/ - / - - - / -	--/---/ (7)	/-/-/
like a raisin in the sun?	fica seco e enrugado?		(6)
- / - - - / -	/ - - / - /	-/--/-/	/--/-/
Or fester like a sore —	Ou escorrido o pus —	(7)	(6)
- / /	/ - - \ - / - - \ - / -	-//	/-- \ -/ -- \ - / (11)
And then run?	fica que nem ferida, infeccionado?	(3)	
/ - / -- / - /	/ - / - / - - / -	/-/--/-/	/-/-/--/
Does it stink like rotten meat?	Feito carne podre ele fede?	(8)	(8)
- / - / - / -	- / - - \ - / - - / -	--/--/	-/-- \ -/-- / (10)
Or crust and sugar over —	Ou fica cristalizado e adoça —	(6)	
- - / - - /	/ - / - - / -	--/--/	/-/-/
like a syrupy sweet?	feito um doce melado?	(6)	(6)
/ - - / /	\ / - - - / -	/--//	\---/
Maybe it just sags	Vai ver é como um fardo	(5)	(6)
- - / - /	/ - / - - \ / -	--/-/	/-/- \ /
like a heavy load.	que levantar ninguém pode.	(5)	(7)
- / - - / -	/ - / - - - / -	-/--/-/	/-/--/
Or does it explode?	Ou será que ele explode?	(6)	(7)

A correspondência de rimas entre original e tradução foi bastante afetada. Em inglês, temos *xaxabxb xc*. Na tradução, a estrutura de rimas é *a xaxaxxa xcb b*. As aliterações no poema traduzido, entretanto, extrapolam numericamente as do original. No original, três fonemas se repetem bastante. Já na tradução, contamos seis, com destaque para os fonemas /f/, /d/ e /r/, presentes em quase todos os versos, como podemos observar na tabela abaixo:

What happens to a dream deferred?	O que acontece com um sonho protelado?	/d/ /n/	/d/ /t/
Does it dry up	Feito uva ao sol	/d/ /s/	/f/ /t/
like a raisin in the sun?	fica seco e enrugado?	/s/ /n/	/f/ /d/ /r/
Or fester like a sore —	Ou escorrido o pus —	/s/	/d/ /r/
And then run?	fica que nem ferida, infeccionado?	/n/	/f/ /d/
Does it stink like rotten meat?	Feito carne podre ele fede?	/d/ /s/ /n/	/f/ /d/ /r/ /dʒ/
Or crust and sugar over —	Ou açucara e forma crosta —	/s/ /n/	/f/ /r/
like a syrupy sweet?	feito um doce melado?	/s/	/f/ /d/
Maybe it just sags	Vai ver é como um fardo	/s/	/f/ /d/ /r/ /v/
like a heavy load.	que levantar ninguém pode.	/d/	/dʒ/ /r/
Or does it explode?	Ou será que ele explode?	/d/	/dʒ/

No âmbito semântico, não houve muita perda. Embora “raisin” seja “uva-passa”, consideramos mais adequado usar apenas “uva” na tradução, já que a uva é exposta ao sol para virar uva passa e com “passa” teríamos duas sílabas extras e desnecessárias. Acrescentamos “enrugado” a fim de deixar clara a ideia de que o autor se refere a uma uva-passa e ganharmos a rima com “protelado” e “infeccionado”. A imagem do doce não corresponde exatamente à imagem do original, mas se aproxima bastante. O dístico “Maybe it just sags/like a heavy load” teve de ser levemente alterado, já que é difícil achar uma palavra que passe a ideia de algo que cede sob o peso e manter a rima com “explode”, palavra que, além de ser igual como significado e significante em inglês e português, é responsável pela força poética do final do poema. As imagens da uva-passa, da ferida supurada, da carne podre, do doce, do fardo e da explosão, portanto, são mantidas, algumas com mais êxito que outras, mas sem que precisassem ser substituídas por metáforas que não constam do original.

O registro informal do original foi reproduzido na tradução. A única palavra menos usual do inglês presente no poema, “deferred” foi traduzida como “protelada” para que a estranheza fosse preservada, já que no português a palavra mais comum seria “adiado”. As anáforas, muito utilizadas por Hughes, são a base do ritmo do poema, e por sua relevância, foram totalmente reproduzidas na tradução.

Conclui-se, portanto, que embora certos componentes formais do poema não tenham encontrado correspondência total na nossa tradução, as perdas não foram tão substanciais a ponto de “Harlem [Sonho protelado]” não poder ser considerada uma tradução do poema “Harlem [Dream Deferred]”.

Referências

AMORIM, Lauro Maia. “Tradução como diáspora: as vozes da poesia afro-americana no Brasil”. In: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane (Org.), *Voices da tradução: éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 149-176.

BRITTO, Paulo Henriques. “Correspondência formal e funcional em tradução poética”. In: Souza, Marcelo Paiva de, et al. *Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução*. Vitória: PPGL/MEL/Flor&Cultura, 2006.

HATTNER, Álvaro. “Presença de autores afro-americanos no Brasil: as traduções”. In: *Crop*, n. 4-5, 1997-1998.

_____. “Langston Hughes no Brasil: as traduções”. In: *Revista de Estudos Anglo-Americanos*, n° 16, 1992, p. 57-80.

HUGHES, Langston. *Vintage Hughes*. New York: Random House, 2004.